

A MISÉRIA DO PROGRESSISMO E A CONTEMPORANEIDADE

Cleito Pereira dos Santos¹

Vivemos uma época de intensa mercantilização das relações sociais e de domínio completo do capitalismo sobre a vida dos indivíduos. Desde os anos 1980 observamos uma expansão sem precedentes da ideologia neoliberal preconizando a supremacia do mercado e o individualismo como naturais e inerentes à natureza humana. Nessa perspectiva, os indivíduos são egoístas e procuram através da competição realizar o sucesso, buscando a riqueza e acumulando capital.

O próprio neoliberalismo trouxe o crescimento da miséria em escala global. Fez com que parcelas imensas da classe operária fossem jogadas à própria sorte à medida que o desemprego se transformou num drama permanente nas vidas desses indivíduos. O capitalismo redimensionou os processos de trabalho, introduzindo tecnologias que significaram a destruição de milhares de empregos e ao mesmo tempo criou milhares de empregos precários, tais como o caso dos trabalhadores da Uber, Ifood, Home Office, dentre outros. As políticas neoliberais ofereceram o conjunto jurídico-ideológico para justificar a adoção de formas precarizadas de trabalho e de organização do trabalho que possibilitaram o aumento exponencial da extração de mais-valor relativo sob o manto do empreendedorismo, do empoderamento, das peripécias dos gestores, sempre à disposição da exploração do capital e aviltamento das condições de trabalho.

O neoliberalismo dos anos 1980 introduziu as políticas ofensivas de direita evidenciando um projeto social e econômico para sujeitar a classe operária ao controle e disciplinamento capitalista e ampliar a apropriação do trabalho não pago. Nos anos de 1990, o crescimento do desemprego e da miséria trouxeram as ideias conservadoras de penalização dos pobres através do encarceramento daqueles que eram vítimas das próprias políticas neoliberais. O caso norte-americano talvez seja o maior indicativo da miséria cultural e social provocada pelo neoliberalismo. O aprisionamento e fortalecimento da repressão, através do investimento nas forças policiais e de segurança privada passou a ser defendido pelos arautos do capitalismo. Institutos, centros de

¹ Economista e Sociólogo. Militante do MOVAUT.

pesquisa, universidades, elaboram programas para serem aplicados globalmente através de governos dispostos a oferecer a repressão como antídoto ao desespero daqueles que são as vítimas do capital.

Na América Latina, o Estado avançou fortalecendo o aparato repressivo e na disseminação de ideologias que justificam o quadro social de desigualdades galopantes. Além do Estado, instituições ligadas às burguesias locais passaram a atuar ostensivamente junto a vários grupos sociais vendendo a ideologia do empreendedorismo como a salvação daqueles que não encontram empregos decentes. Além do Estado e das instituições privadas da burguesia, as igrejas passaram a desempenhar um papel fundamental na conformação dos indivíduos para aceitar o destino que lhes foram reservados. Tais igrejas, principalmente as neopentecostais, juntaram religião e negócios apontando para os seguidores que a saída está em Jesus e o sucesso financeiro é consequência da crença em Deus. Além disso, as igrejas vendem todo o moralismo conservador e estão sempre dispostas a se associarem à direita na defesa da família, da propriedade, do Estado, da repressão, da intolerância religiosa. Nesse sentido, constitui-se todo um complexo ideológico-representacional para justificar a barbárie capitalista.

Por sua vez, os progressistas, em sua grande maioria - também conhecidos como “esquerda” – sucumbiram ao capital. Este é um processo que se inicia ainda no século XX na Europa com a expansão da ideologia social-democrata e intensifica com a chegada ao poder dos partidos ligados a esta perspectiva nos anos 1960/1980. O discurso social-democrata, bolchevista e trabalhista, vai cada vez mais se adequando à manutenção do modo de produção capitalista com a defesa do estatismo reinante na época e na defesa de microrreformas como formas paliativas para conter os conflitos sociais e enquadrar a classe operária para se submeter a exploração do capital. Este processo foi muito evidente na Alemanha, França, Inglaterra, Espanha, dentre outros países.

O discurso do progressismo atravessou décadas e chegou à América Latina e, especialmente ao Brasil, marcando desde então diversos movimentos sociais, sindicatos, partidos que reivindicavam a defesa dos trabalhadores e de suas bandeiras históricas. Assim, e com todas as divisões entre grupos, partidos, coletivos, o discurso reformista de cunho social-democrata e trabalhistas passam a predominar em certos setores já na

reta final da ditadura militar – fundação do Partido dos Trabalhadores, retorno do exílio de várias variantes do bolchevismo – e vai se constituindo na perspectiva de chegar ao poder através da disputa eleitoral. Paulatinamente, diversos grupos – principalmente a socialdemocracia e os trabalhistas - vão avançando até chegarem ao poder estatal no início dos anos 2000 com a eleição de Luís Inácio da Silva, o Lula.

As políticas colocadas em prática pelos sucessivos governos petistas deixam muito evidente a subordinação da maioria dos partidos políticos progressistas à lógica do capital. Nenhuma política desses governos contrariou o capital financeiro ou industrial. Ao contrário, diversos benefícios foram oferecidos através de políticas de financiamento estatal para os negócios da burguesia. Os lucros dos bancos cresceram como nunca. Os balanços dos grandes conglomerados financeiros demonstravam a benevolência dos governos petistas com o capital financeiro nacional e internacional.

A legislação trabalhista sofreu alterações para beneficiar a exploração do trabalho através da precarização e terceirização de setores importantes para o capital industrial. A indústria automobilística cresceu assentada no endividamento crescente da população através da oferta e facilidade de créditos para a compra de automóveis. Enfim, foi colocada em prática todo um conjunto de políticas que sinalizavam a boa vontade dos governos neoliberais - em sua forma neopopulista, representada pelo Partido dos Trabalhadores até então no poder – com os capitalistas, tornando-os confiáveis para gerir a máquina pública no interesse do capital.

A burocracia partidária, atrelada aos governos petistas, se enveredou pelos caminhos da corrupção em todos os níveis. Sindicalistas, militantes partidários, quadros profissionais, dirigentes, enfim, os burocratas dos partidos viveram sua época de ouro da corrupção através de ganhos e benefícios trazidos pela vantagem de estarem no poder do Estado. Diversos desses dirigentes, sindicalistas, burocratas foram denunciados e mesmo no bloco progressista não eram poucos os que se desiludiram com a ascensão social dos antigos “companheiros”.

Paralelo a este processo, o discurso foi se adequando ao regime de acumulação integral vigente. O discurso de classe social cedeu lugar ao de identidade, gênero, sexualidade, empreendedorismo, empoderamento, cidadania, dentre outros, que agradavam à intelectualidade acadêmica – sedenta por impor pontos de vistas de parte

dessa classe social ligada ao progressismo -, a certos setores da burguesia intelectualizada, setores do movimento negro influenciados pelo racismo norte-americano e que lutavam para impor uma leitura da questão racial a partir da produção intelectual dos negros norte-americanos, dos setores ligados ao movimento homossexual, todos ávidos por espaço na gestão dos governos neopopulistas e na divulgação e implantação de políticas identitaristas e de negação da luta de classes tal como preconiza o capital e a exploração capitalista.

Nesse sentido, tais políticas identitárias corroboraram para a criação de nichos de mercado de consumo segregado para cada um desses grupos sociais. As grandes empresas capitalistas percebendo as vantagens econômicas desse processo começaram a atuar criando linhas de produtos para o consumo identitário, seja racial, seja de “gênero”. Em termos gerais, rapidamente as empresas capitalistas adotaram o discurso identitarista – originariamente norte-americano e liberal - na perspectiva de que o mesmo gerava lucros significativos e passava a impressão de inclusão das pessoas historicamente discriminadas no modo de produção capitalista.

O cinismo dos capitalistas e dos progressistas chega no mais alto patamar ao propagarem essa falácia de inclusão em uma sociedade que é antes de tudo da exploração, da desigualdade, da violência, do racismo, mulheres e de qualquer outro grupo que não esteja nos padrões de comportamento, de consumo, de linguagem impostos pela sociedade burguesa. Assim, deslocam o conflito de classe social para o terreno da inclusão de pequenos grupos que manterão a ilusão da possibilidade de vivermos em liberdade em uma sociedade que é da dominação, exploração do capital sobre o conjunto dos trabalhadores. Nesse sentido, encontramos o ponto convergente entre o conservadorismo hegemônico e o progressismo falacioso da esquerda neoliberal.

A defesa do Estado, das instituições burguesas – propagandeadas como republicanas -, da democracia representativa dominada pelo poder financeiro dos grandes grupos econômicos, tornam direita e esquerda irmãos siameses. A ideologia conservadora encontra-se com a ideologia progressista exatamente na sua fase neoliberal. Ambas na defesa da economia capitalista, dos lucros da burguesia. Os valores burgueses são incorporados pelo bloco progressista fazendo com que o discurso, agora,

seja de defesa da nação, dos valores da nação – vide o caso do stalinista PCdoB, com sua defesa das cores nacionais, do patriotismo, em síntese, um monstrengo decadente -, da cidadania, da lei e da ordem.

A miséria intelectual progressista se espalha para todos os setores hegemônicos nos movimentos sociais. Do movimento negro, ao movimento ecológico – este já em franca decadência há décadas -; do movimento dos sem-terra – agora atuando no mercado financeiro com muita eficiência e usando os mesmos mecanismos dos capitalistas -, ao movimento dos sem-teto – que provavelmente em breve devem lançar empreendimentos imobiliários. Para onde olhamos percebemos essa integração total do discurso e das práticas do bloco progressista ao mercado capitalista e a ideologia burguesa.

Na contemporaneidade, o discurso progressista se mostra necessário para aliviar a consciência burguesa, principalmente dos mecenas e filantropos patrocinadores de ações culturais ou de cunho social e de caridade para populações pobres exploradas pelo capital que eles representam. Basta vermos as alianças em tempos eleitorais, as doações de campanhas eleitorais em que sempre aparece um bom burguês para presentear esses defensores dos pobres para manterem os mesmos no devido lugar: submetido a exploração e a subordinação no trabalho.

Não é inocente a opção que os progressistas fizeram em abafar ou declarar o fim das classes sociais, o fim da luta de classes, a defesa dos ideais e valores burgueses como sendo os valores universais da república, da democracia, da civilidade, dentre outras ideologias caducas. Bem poderiam dizer os progressistas: pagando, que mal faz defender a ordem social. Mas para isso continuam fazendo o discurso, fundamentalmente, liberal – com verniz social-democrata - de cidadania, direitos humanos, diversidade, inclusão, dentre outros. A pergunta é: inclusão de quem e para quê? Todas as políticas colocadas em prática, tanto no capitalismo imperialista quanto no capitalismo subordinado, revelaram novamente a impossibilidade do modo de produção capitalista em produzir igualdade. Basta vermos a concentração do capital e da renda em minúsculos grupos de capitalistas em escala global. As desigualdades só se intensificaram nas últimas cinco décadas, embora políticas inclusivas, de bem-estar social

tenham sido colocadas em práticas, principalmente nos países ricos e, secundariamente, alguns países subdesenvolvidos tenham tentado alguma ação populista nesse sentido.

Na verdade, trata-se de uma ideologia que serviu aos propósitos de amortecer os conflitos sociais procurando conformar um suposto consenso entre capital e trabalho. Nossos intelectuais são escolados nessas práticas nefastas para a classe operária, os pobres e demais grupos sociais. Ao longo dos anos 1990, no Brasil, tivemos a construção de um ícone do progressismo da cidadania, Herbert Souza, o Betinho. Rapidamente se transformou no mago do programa fome zero; rapidamente o capital comunicacional adotou o discurso fazendo as devidas campanhas e elevando o ícone progressista a um status de “Madre Teresa do Brasil”.

Hoje todas as medidas paliativas caminham no sentido de construir um suposto consenso social – através dos valores nacionais, dos programas assistenciais, da negação do conflito de classe (aliás tal conflito não existe na cabeça dos ideólogos, sejam de direita, sejam de esquerda), do empreendedorismo e do empoderamento. Enfim, conservadores e progressistas encontraram seu ponto convergente. São duas faces da mesma moeda.

Lutar contra a sociedade capitalista implica a luta contra o modo de produção capitalista; a luta contra a exploração do trabalho e a submissão dos trabalhadores a condições sub-humanas de trabalho; a luta contra o capital é a luta contra os conservadores e contra os progressistas, aliados da burguesia para manter o modo de exploração capitalista. Emancipação humana não pode ser obra de burocratas partidários ou da classe capitalista. Tampouco pode ser obra de intelectuais “iluminados” a dizer que caminho seguir. Tanto a direita quanto a esquerda são contra a emancipação humana.

A forma contemporânea assumida pelo modo de produção capitalista tem feito ressurgir formas de exploração até então imaginadas como coisas do passado. As grandes corporações detêm o controle oligopolista de mercados em escala global. Basta olharmos os setores financeiros, principalmente os bancos, o setor automobilístico controlado por uma dezena de grandes empresas, o setor de tecnologias diversas nas mãos de meia dúzia de corporações extremamente agressivas no controle sobre as informações transmitidas todos os dias, horas, minutos, segundos, pelas multidões de

usuários reféns dos seus controles e disciplinamento. Da captura de imensos bancos de dados com informações de cada um de nós e que geram elevadíssimos lucros para Facebook, Amazon, Submarino, WhatsApp, dentre tantas outras corporações especializadas em fazer-nos trabalhar gratuitamente para elas. Nesse sentido, que se danem o progressismo e o conservadorismo! Suas ideologias não servem ao propósito da liberdade humana.

Somente a auto-organização e a autoformação da classe operária podem construir os mecanismos para a derrocada do capital, da burguesia e de suas classes auxiliares. Aqui nos referimos a consciência revolucionária como algo antagônica ao preconizado pelo bolchevismo e suas variantes autoritárias nascidas a partir de Lênin e que querem estabelecer o controle da burocracia partidária sobre a classe operária (Stalinismo, Maoísmo, Trotskismo e outras). Assim, a autogestão social se apresenta como a forma da sociedade do futuro; de seres humanos livres desenvolvendo plenamente suas capacidades. Esta é a alternativa real ao modo de produção capitalista, o resto é apenas uma ideologia que encontrou seus pontos comuns na defesa da manutenção da exploração, da alienação, da dominação e subordinação das multidões que trabalham aos desejos dos capitalistas.